

O SÍMBOLO NA CULTURA CAPIXABA

Lílian de Oliveira Locatelli
lilianoliveiral@yahoo.com.br
*Programa de Pós-Graduação em Artes
Universidade Federal do Espírito Santo*

Resumo: O artigo trata-se de um recorte da dissertação de mestrado em artes, iniciada em Março de 2011, com título provisório de *Atuação dos agentes do patrimônio cultural em Vitória-ES*, cuja finalidade é ser um auxílio da pesquisa e um primeiro levantamento de fontes. Através da compreensão da cultura capixaba hoje, relacionando-a a questão do símbolo é possível investigar a dinâmica cultural sob o aspecto do cidadão, e especialmente em Vitória, como as diversas migrações ao estado proporcionaram a formação de uma complexa cultura, gerando uma difícil busca por símbolos que a legitimem e que façam com que seus cidadãos se identifiquem. Para isto, este artigo delinea caminhos diversos como: a psicologia de Karl Jung; a sociologia de Stuart Hall; levantamento da Futura aliado aos pareceres de alguns agentes institucionais em Vitória-ES; dados do *Projeto Imigrantes* do APPES; e o *Atlas do Folclore Capixaba*, produzido pela Secult em parceria com Sebrae.

Palavras-chave: Cultura Capixaba. Símbolo. Projeto Imigrantes. Manifestações Folclóricas.

Abstract: *This article is an excerpt of a master of Fine Arts dissertation started in March 2011 and temporarily entitled Atuação dos Agentes do Patrimônio Cultural de Vitória, ES (The Role of Cultural Heritage Agents in Vitória, ES, Brazil), which aims at guiding this study and gathering initial data. By understanding the Capixaba (Espírito Santo) culture today and its symbols, it is possible to investigate the cultural dynamics from the citizen's point of view, and also study – mainly in Vitória – how the diverse migrations to the state allowed a complex culture to emerge, creating a difficult search for symbols that legitimate this culture and make its citizens identify with it. For this purpose, this article traces different lines such as Karl Jung's psychology; Stuart Hall's sociology; Futura's data combined with the opinions of some Institutional Agents in Vitória, ES; data of Projeto Imigrantes by APPES; and Atlas do Folclore Capixaba produced by Secult in partnership with Sebrae.*

Keywords: Capixaba Culture. Symbol. *Projeto Imigrantes*. Folkloric Manifestations.

Introdução

Quais são os símbolos da cultura capixaba? Qual é a relação entre cultura, identidade e símbolos na cultura capixaba? E como cidadão se relaciona com a cultura?

O que se estabelece como tradição na cultura capixaba, assim como o restante do Brasil, são expressões construídas por diversos povos, responsáveis pela formação da cultura. Para compreender esse processo, é necessário estabelecer como um dos critérios os movimentos migratórios desses povos: de onde se originam, número de indivíduos, local onde se estabelecem. Esses aspectos são dados que auxiliam no processo de compreensão da formação da cultura.

Os limites para este estudo são vários. Em especial, o principal fator limitador é a dificuldade de acesso às fontes, ou mesmo, a ausência. Esse fato torna esse levantamento sucinto, provisório, que espera por maior aprofundamento no futuro.

Carl Gustav Jung e o Símbolo

Inicialmente, buscamos compreender como se formam os símbolos no indivíduo. No capítulo de sua autoria, no livro *O homem e seus símbolos*, o psicólogo suíço Carl Gustav Jung (1993, p. 20-21) define símbolo¹ como algo além do seu significado:

Assim, uma palavra ou uma imagem é simbólica quando implica alguma coisa além do seu significado manifesto e imediato. Esta palavra ou esta imagem têm um aspecto “inconsciente” mais amplo, que nunca é precisamente definido ou de todo explicado. E nem podemos ter esperanças de defini-la ou explicá-la. Quando a mente explora um símbolo, é conduzida a idéias que estão fora do alcance da nossa razão. [...]

O inconsciente trabalha com as informações recolhidas da realidade, sua matéria é composta da maneira que realidade é percebida e seus ‘dados’ são armazenados pela mente, somando também, a absorção e manipulação de

detalhes da “realidade concreta” dos quais o indivíduo ignora. São os “acontecimentos psíquicos” dos quais, Jung (1993, p. 23) alerta: “[...] Dentro da mente, estes fenômenos tornam-se acontecimentos psíquicos cuja natureza externa nos é desconhecida (pois a psique não pode conhecer sua própria substância). [...]”

É apresentado uma psique do inconsciente, logo a suposição de dois sujeitos: a consciência e a psique inconsciente, agindo no mesmo indivíduo. Não se trata de uma patologia, mas que “[...] Esta situação é um sintoma de inconsciência geral que é, inegavelmente, herança comum de toda a humanidade.” (JUNG, 1993, p. 23)

A presença desses dois sujeitos formaria o que Jung (1993, p. 24) descreve por “Alma-do-mato”. Encontrada em povos primitivos ela é um fenômeno psicológico em que um indivíduo identifica-se com uma pessoa, animal ou objeto. A pertença a um grupo pela identificação de ‘algo’ que lhes é semelhante, gera uma “espécie de autoridade paterna” sob o indivíduo. Quando ocorre da perda dessa ‘alma’ (ou psique) para os povos primitivos, ocorre uma ruptura da consciência. Ou seja, a consciência rompe-se, perde em parte sua própria identificação, de pertença, e uma ofensa a “Alma-do-mato” é uma ofensa ao homem. Como exemplo, Jung (1993, p.24) cita a tribo africana *Nyangas*, cuja “alma” é encarnada na ave *Calau*, animal selvagem, representada em suas máscaras e indumentárias.

Para este trabalho importa é considerar o símbolo da visão *junguiana*, como dotado de múltiplos significados, dentro de seu contexto, e a ‘pertença a grupos’ pelo inconsciente, identificando com símbolos próprios. Gerando a consciência da identidade cultural de um povo, neste caso o capixaba. O interessante do trabalho de Jung (1993, p. 14) é seu método sinuoso, apresentando várias perspectivas do mesmo assunto, onde o leitor ao final percebe que descobriu “alguma verdade maior” acerca de sua natureza.

Cultura Capixaba

Neste ponto do trabalho, busco levantar fontes que permitam analisar a cultura capixaba, tendo como base o cidadão comum, agentes culturais e documentos.

No artigo publicado pelo *Caderno D*, a reportagem da capa intitulada *Hábitos culturais capixabas*, apontou uma pesquisa realizada pela *Futura* em parceria com a *Rede Gazeta*, na qual avaliou o que seriam os hábitos culturais na região da Grande Vitória para os capixabas.

Nesse artigo, foi divulgado que para a maioria dos capixabas o símbolo cultural do Espírito Santo é o Convento da Penha e justificou-se esta escolha, por tratar-se: de um monumento representativo da conquista do solo; sua localização estratégica permite uma visão panorâmica dos municípios de Vitória e Vila Velha, como atração turística; representa e documenta a história do Espírito Santo; símbolo religioso, marca do processo social-histórico brasileiro, através da religião – atribuindo também a participação dos eventos religiosos dentre os quais se destaca a Festa da Penha realizada nos meses de Abril.

O artigo contrasta ainda algumas peculiaridades: freqüentar o shopping Center como atividade cultural, apontando que há uma confusão de locais de consumo com espaços culturais. Com opiniões do subsecretário do Estado da Cultura Erlon José Paschoal:

É preciso trabalhar coletivamente, através de políticas públicas integradas, a percepção que as pessoas têm da atividade cultural e de sua importância para a emancipação e o desenvolvimento social de uma comunidade, de um Estado e de um país. Tais atividades geram produtos que intercambiam valores, e promovem a vida social compartilhada; por meio da arte, o ser humano recria e apreende o mundo dando-lhe uma dimensão que ultrapassa a mera lógica cotidiana. Os resultados da pesquisa Futura mostram que temos todos um amplo desafio pela frente. (Erlon José Paschoal apud VASCONCELLOS; LINO, 2011, p.5)

E Eryl Vieira Jr. do Conselho editorial da revista *Caderno D*:

Um dos principais desafios para os diversos agentes culturais do Espírito Santo é a necessidade de se promover uma mudança da visão que a população geral possui acerca do papel da cultura e das artes, muitas vezes associados somente a esfera do lazer e do

evento. Precisamos fazer com que o cidadão comum possa perceber o quão transformadora a prática cultural pode ser para a sociedade, o quanto ela pode modificar na percepção do mundo que nos rodeia. (Erlly Vieira Jr. apud VASCONCELLOS; LINO, 2011, p.5)

Através desse artigo é possível traçar um esboço do capixaba e sua percepção da cultura, na qual, afirma haver um caminho a percorrer na questão da identidade cultural do estado. E a necessidade da integração das políticas públicas para a compreensão da cultura e de sua prática cultural. Que associados aos estudos do símbolo e percepção por Jung (1993), muito têm a dizer sobre a formação do povo capixaba.

Para um início no estudo de formação do povo capixaba foi realizado levantamento de dados do *Projeto Imigrantes* do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo (APEES), e produzidos Gráficos que seguem uma seqüência anual de entrada de imigrantes de 1812 a 1938, onde observa um grande contingente de imigrantes de partes diferentes, às vezes, até bastante distintas do globo que migraram para o estado no século XIX em busca de melhorias de vida². Tão distinta que contrasta de chineses (começam a chegar em 1855) e norte-americanos (em 1868) até russos (em 1891) e libaneses (em 1929), além do grande contingente de italianos provindos do norte ao sul da península Itálica, também alemães (em 1846) e espanhóis (em 1858).

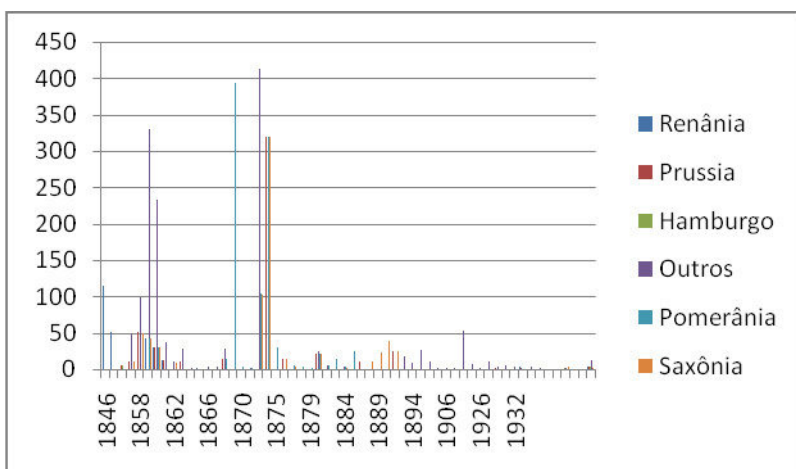


GRÁFICO 1 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA ALEMANHA

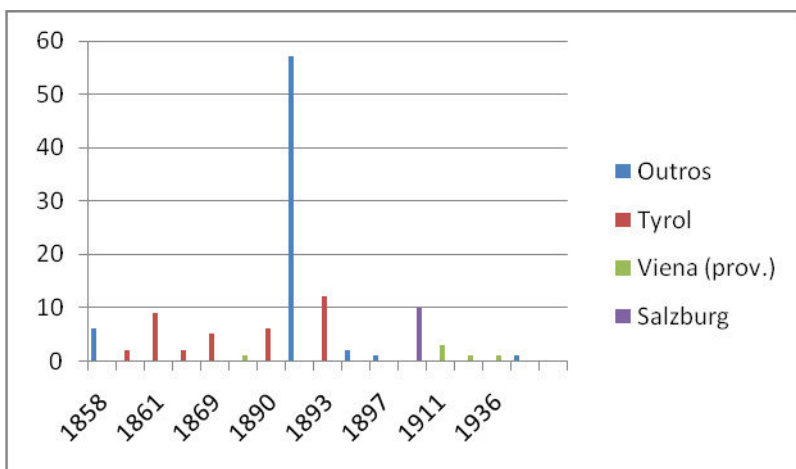


GRÁFICO 2 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA ÁUSTRIA

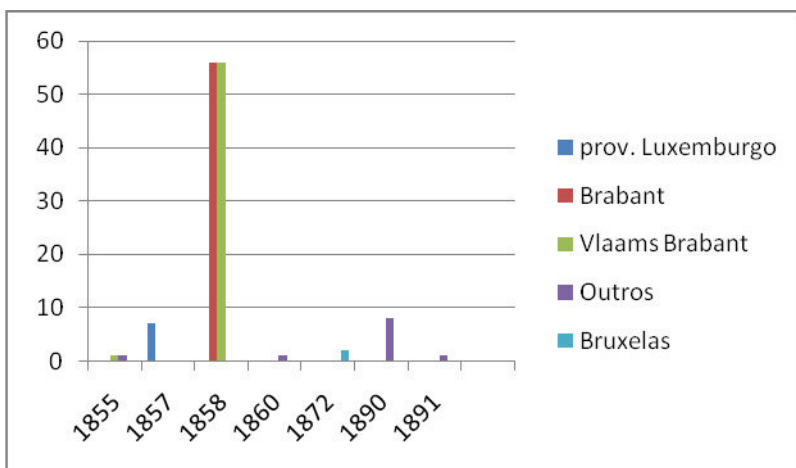


GRÁFICO 3 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA BÉLGICA

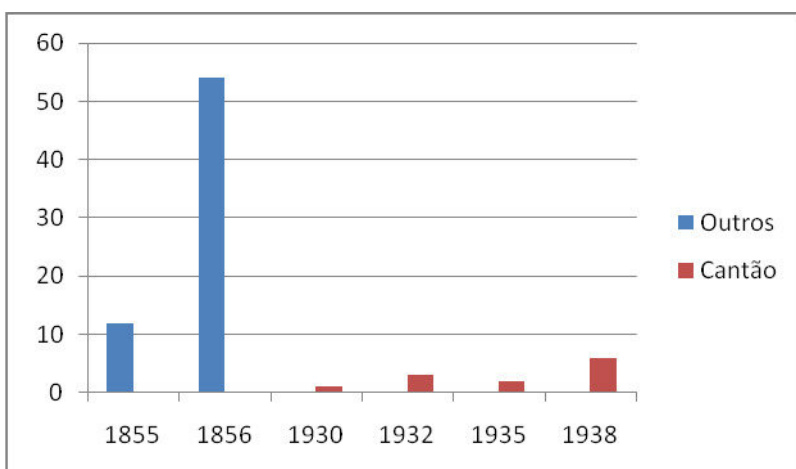


GRÁFICO 4 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA CHINA

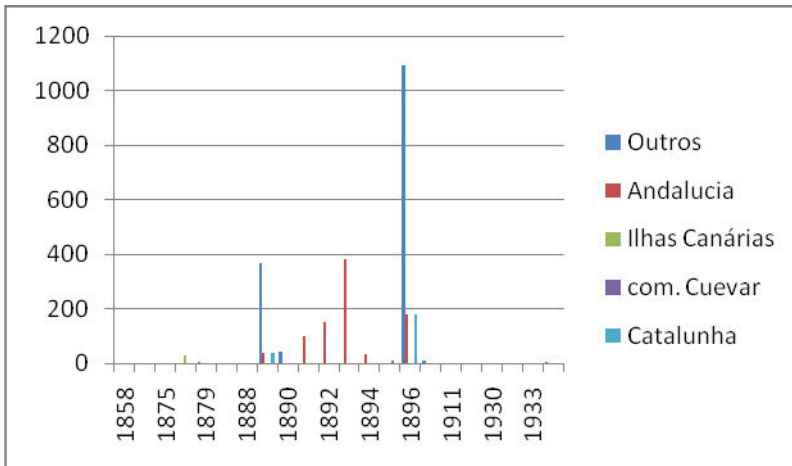


GRÁFICO 5 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA ESPANHA

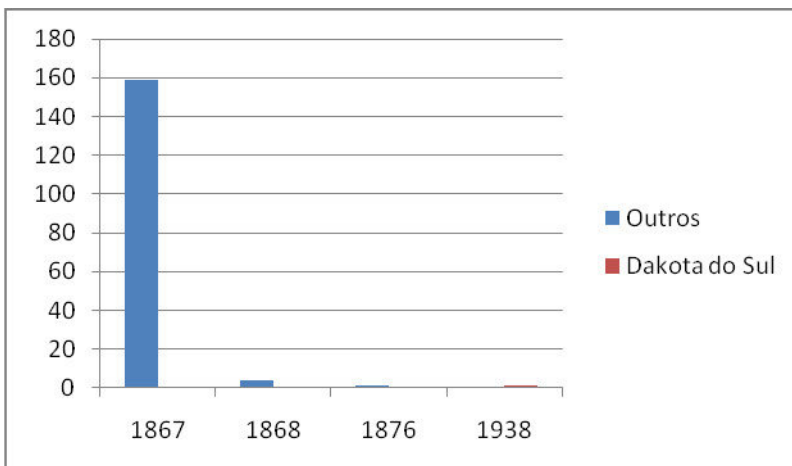


GRÁFICO 6 – ENTRADA DE IMIGRANTES DOS ESTADOS UNIDOS

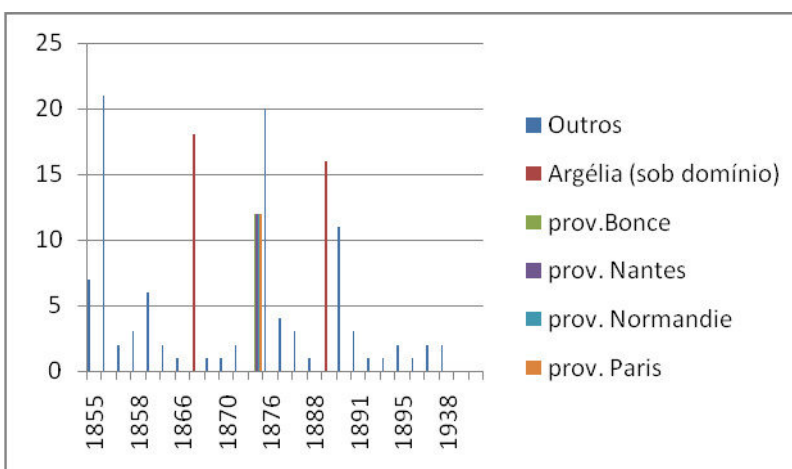


GRÁFICO 7 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA FRANÇA

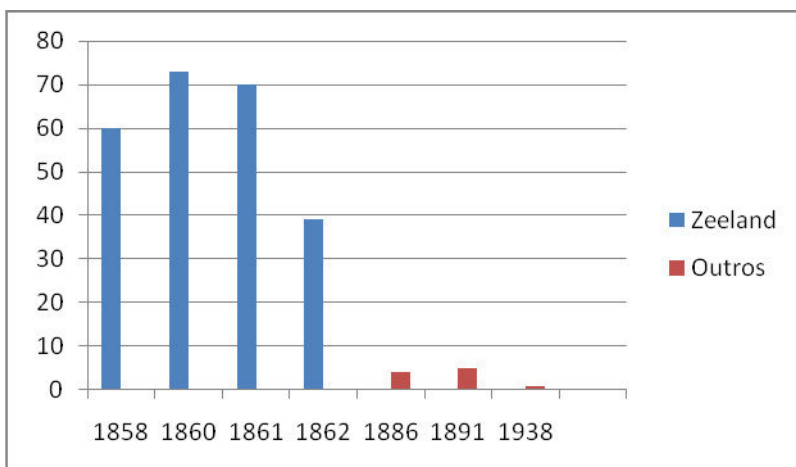


GRÁFICO 8 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA HOLANDA

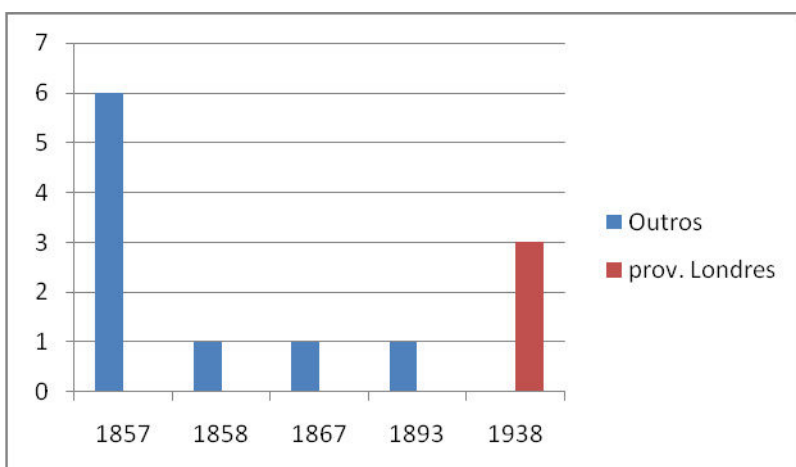


GRÁFICO 9 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA INGLATERRA

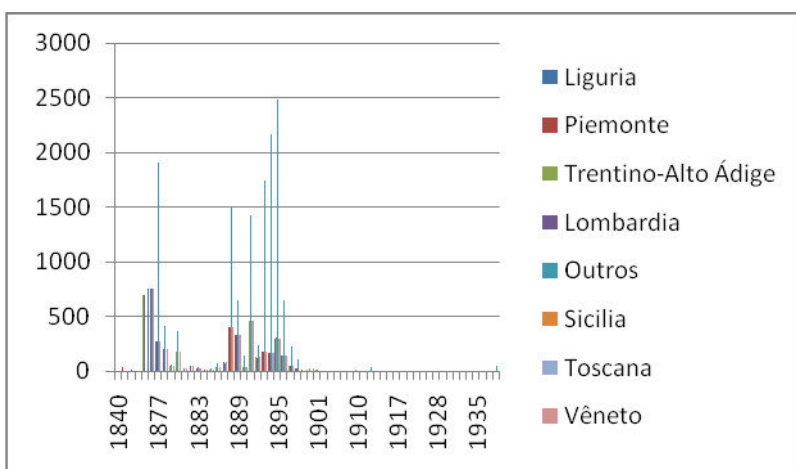


GRÁFICO 10 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA ITÁLIA

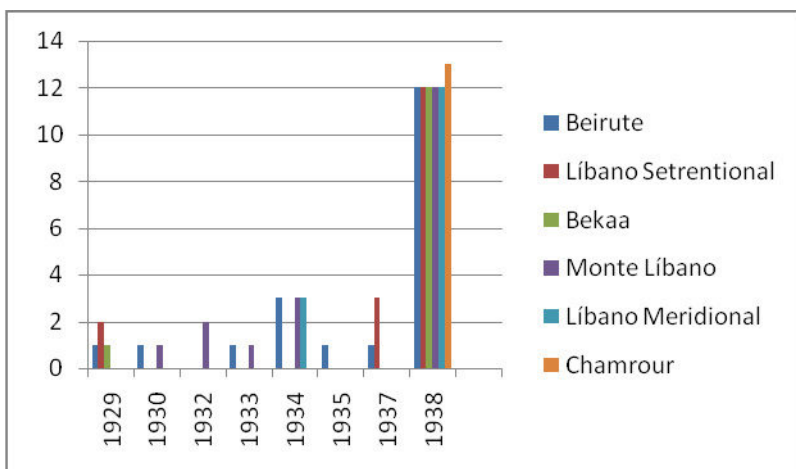


GRÁFICO 11 – ENTRADA DE IMIGRANTES DO LÍBANO

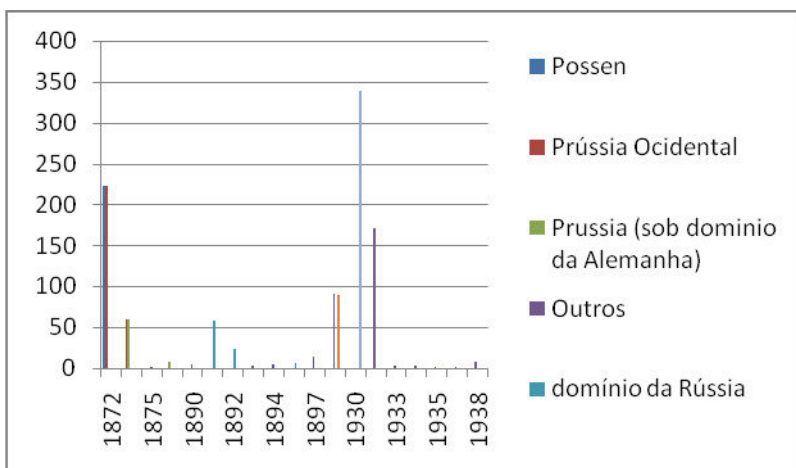


GRÁFICO 12 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA POLÔNIA

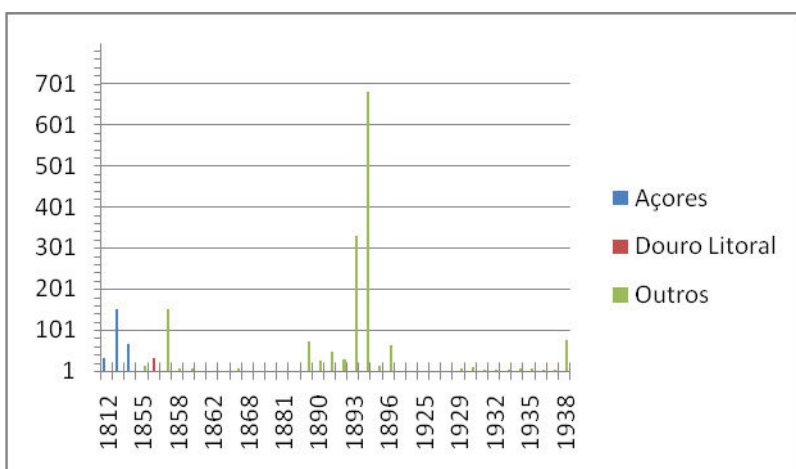


GRÁFICO 13 – ENTRADA DE IMIGRANTES DE PORTUGAL

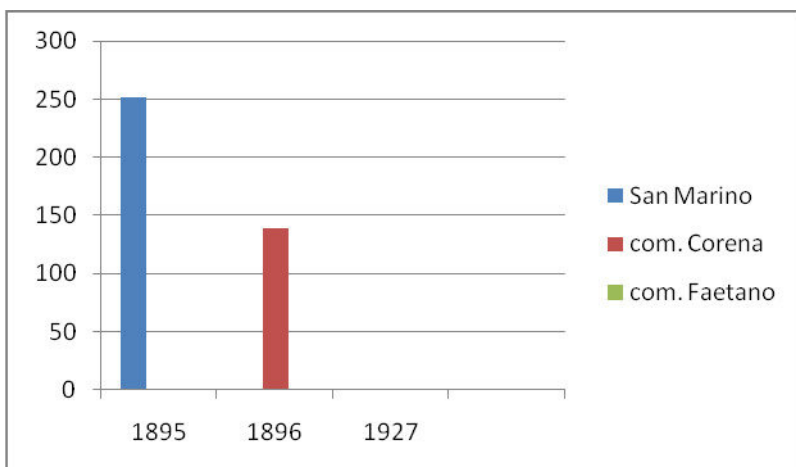


GRÁFICO 14 – ENTRADA DE IMIGRANTES DE SAN MARINO

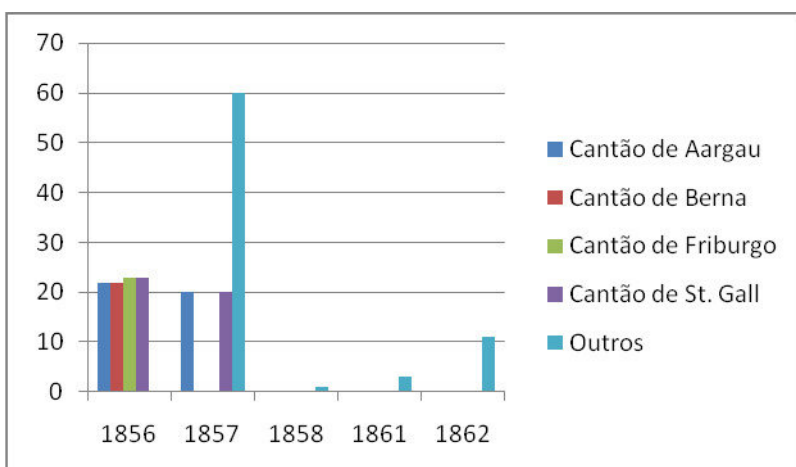


GRÁFICO 15 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA SÍRIA

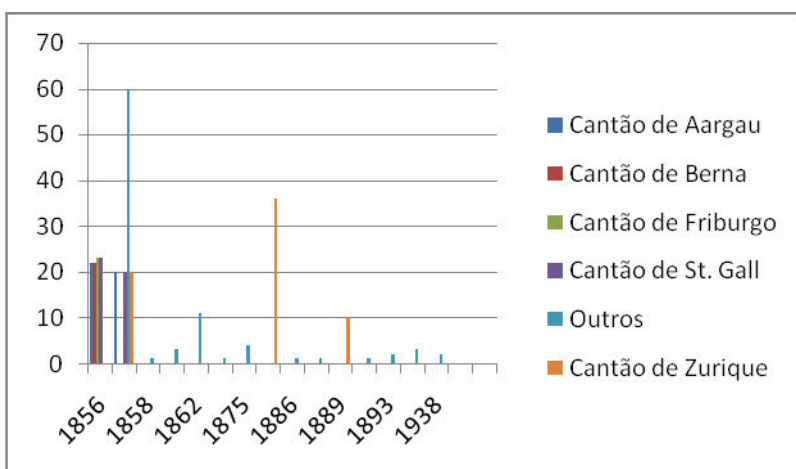


GRÁFICO 16 – ENTRADA DE IMIGRANTES DA SUÍÇA

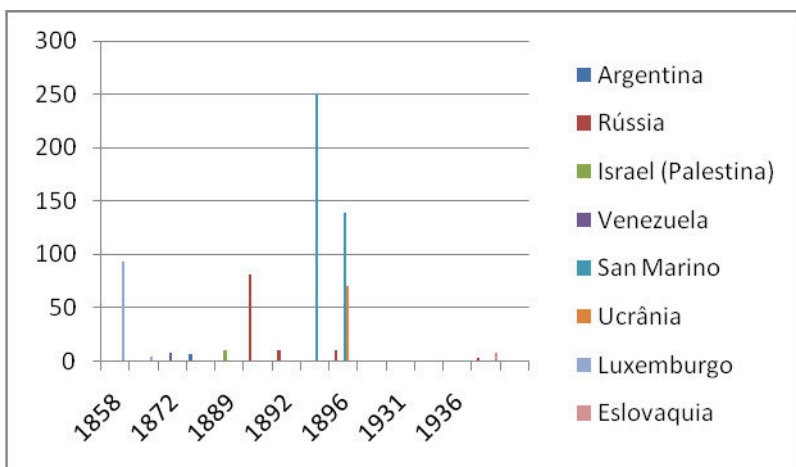


GRÁFICO 17 – ENTRADA DE OUTROS PAÍSES

Este levantamento ainda está em aberto para novas inserções de imigrantes, pois o APEES detêm de documentos dos quais ainda está a ser inserido em seu registro, além de descendentes de imigrantes que, ao que parece, trazem informações de familiares que não foram documentados nos registros de entrada. Chega ao ano de 1938, onde começa uma nova inserção de registros de setenta caixas dos *Fundos de Polícia* e outros documentos do Arquivo. Mas ele serve como evidência e debate acerca das tradições folclóricas que permaneceram e das novas identidades que surgiram da integração ou isolamento desses imigrantes.

O novo atlas do folclore capixaba reúne um conjunto de manifestações folclóricas que demonstram a miscigenação e o isolamento dos povos no Espírito Santo, apesar de ser uma ‘atualização’ do antigo atlas, produzido no ano de 1982, ele aponta índices referente aos portadores e sua localização por meio de GPS (*Global Positioning System*), além de registrar a ‘persistência’ ou força de algumas manifestações, enquanto outras desapareceram como foi o caso afirmado por Luiz Guilherme Santos Neves (SECULT; SEBRAE, 2009, p. 33) que as manifestações: danças do Cipó ou Peru e o folguedo³ da Marujada desapareceram nos vinte e sete anos que passaram do antigo ao novo atlas⁴.

Luiz Guilherme Santos Neves (SECULT; SEBRAE, 2009, p. 31) aborda que no decorrer da década de 1960, grande parte da população rural se deslocou para

Vitória, enquanto centro urbano, pois esta passava por um processo de industrialização devido aos Grandes Projetos (mineração, celulose e portuário, mais intenso a partir da década de 1970) que propiciaram novas oportunidades de trabalho aliado a política de erradicação dos cafezais menos produtivos, esta política foi posta em prática pelo Governo Federal. Logo, o estado passa de uma monocultura cafeeira a um novo modelo exportador “estruturada em pesados investimentos de capital externo”. E explica o impacto que as manifestações tiveram, dessa passagem de economia rural a uma economia urbana/industrial:

O deslocamento, ainda que momentâneo, das manifestações folclóricas para o meio urbano, em exposições públicas de encomenda ou na esteira de festividades cívicas ocasionais, tinha geralmente o efeito de acentuar o lado exótico e curioso dessas apresentações, consideradas simplórias e interioranas, e não como oportunidade para pôr em evidência as raízes primordiais de um povo, dignas de serem apreendidas e avaliadas na pujança de sua expressividade cultural. (NEVES apud SECULT; SEBRAE, 2009, p. 31)

Estima-se que hoje 64% da população estadual se encontram na Região Metropolitana da Grande Vitória, resultado, dos últimos trinta anos, da industrialização e da prestação de serviços ligados ao comércio internacional, somado a diversificação das atividades agrícolas e ao extrativismo industrial dos recursos naturais, que para Luiz Guilherme Santos Neves (SECULT; SEBRAE, 2009, p. 32-33) possui, hoje, centralidade na exploração de petróleo e gás natural (fenômeno atual, mas não como únicas atividades econômicas). Apesar do que antes era considerado “exótico e curioso”, hoje, afirma ser positiva a aceitação do folclore como fator de identificação do perfil cultural do capixaba, sobrevivendo algumas manifestações como Folias de Reis, do Ticumbi, das Bandas de Congo (incluindo atualmente bandas mirins) entre outras, comparadas ao atlas de 1982, percebendo o quesito criatividade de seus portadores, ainda que com invenções contestáveis nas manifestações, como força motivadora de sobrevivência, auxiliado pelo importante papel da mídia, e ainda que de interesses variados, sejam eles turísticos ou políticos, etc. Acrescentando talvez, mais um fator, além de mídias e criatividade: a

‘Alma-do-mato’, antes avaliada por Jung (1993), num mundo globalizado e bastante dinâmico (onde os centros de poder estão em regiões distintas, seguindo lógicas que lhe são próprias, e não centralizados como em uma sociedade tradicional, promovem novas referências), a busca por uma referência, por identidades, por pertença, enfim por ‘segurança’ ou conforto espiritual.

Ao falar de folclore e identidade em um mundo globalizado, Sandro Silva (SECULT; SEBRAE, 2009, p. 37), observa a necessidade de um diálogo intercultural, entre “cultura popular” e “cultura erudita”, num contexto amplo de cultura universal, e fala dos problemas do consumo da cultura popular por uma classe média, tratada como mercadoria, terá por resultado a “eliminação ideológica das fronteiras [...] [e] junto com elas os espaços políticos e determinadas características associadas ao saber e fazer dos grupos tradicionais. [...]”. Aborda ainda que as dinâmicas urbanas, não eliminaram as formas de expressão do folclore no estado. “[...] Pelo contrário, sob uma perspectiva de construção de identidades sociais, de vida camponesa, a segregação espacial com viés racial e étnico, fizeram surgir outras formas de identidade étnica. [...]”

Formando uma cultura múltipla no estado o que pode explicar a dificuldade em identificar outros símbolos, além daqueles que fazem parte da paisagem como o Convento da Penha ou divulgados pelos roteiros turísticos.

Cultura híbrida em Stuart Hall

Para Stuart Hall (2006, p. 48-49), não se imagina um homem moderno sem pertencer a uma nação. A cultura nacional é uma das principais fontes da identidade cultural. Apesar dessas identidades não fazerem parte do gene, o indivíduo pensa-as como se fizesse parte da sua natureza essencial. “[...] Uma nação é uma comunidade simbólica e é isso que explica seu ‘poder de gerar um sentimento de identidade e lealdade’.” (SCHWARZ, 1986 apud HALL, 2006, p. 49).

A identidade de uma nação é uma comunidade imaginada, por apresentar símbolos e representações, e não somente instituições culturais. Esses símbolos e representações constroem sentidos que tem por consequência organizar e influenciar as ações e concepções que os indivíduos possuem de si mesmos. “[...] Esses sentidos estão contidos nas estórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas. [...]” (HALL, 2006, p. 50-51)

Hall (2006, p. 60-63) cita o que constitui uma cultura nacional como “comunidade imaginada”: as memórias do passado; o desejo por viver em conjunto; a perpetuação da herança. Pois a identidade nacional, no mundo moderno, oferece a condição de membro e identificação que se baseia numa estrutura de poder cultural. Onde a hegemonia de algumas culturas (línguas, tradições e costumes) se baseia na submissão dos povos conquistados. E o problema se encontra, muitas vezes, na questão da identificação, visto a dificuldade de uma cultura unir diferentes raças ou gêneros. Logo nas nações ocidentais modernas os centros de império exercem hegemonia cultural sobre as culturas dos colonizados. Tornando-se mais difícil unificar a identidade nacional em torno de uma raça (características físicas e corporais), apresentando as nações modernas como híbridos culturais.

Hall (2006, p. 79) observa que a globalização é desigualmente distribuída ao redor do globo (“geometria de poder”) e a direção de seu fluxo é desequilibrado, apesar de por definição afetar o globo inteiro é um fenômeno ocidental, sendo mais lento na ‘periferia’ que nos ‘centros’, criam as redes globais e produz indústrias culturais, onde, por exemplo, quando se deseja provar uma cozinha exótica, não é necessário ir a Calcutá, pode-se experimentar uma culinária exótica estando em Manhattan ou Londres. Pois favorece muito os fluxos migratórios que carregam sua cultura e criam ‘guetos’ nas cidades que se estabelecem, crescendo a cultura local, traços de sua cultura local original, sendo assim possível de ser encontrada uma culinária exótica também em grandes centros. Para Hall (2006,p.83) “Esta formação de

‘enclaves’ étnicos minoritários no interior dos estados-nação do Ocidente levou a uma pluralização de culturas nacionais e de identidades nacionais.” Culturas Híbridas, ou seja, origens culturais diversas interagindo e propondo novas identidades.

Uma conclusão provisória do processo de migração é que as identidades culturais gravitam entre “Tradução” e “Tradição”. “Tradição”, como a re-identificação com as culturas de origem; enquanto “Tradução”, são pessoas que ao migrarem e interagirem com as novas culturas

[...] não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias ‘casas’ (e não a uma ‘casa’ particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural ‘perdida’ ou de absolutismo étnico. Elas estão irrevogavelmente ‘traduzidas’. [...] devem aprender habitar, no mínimo, duas identidades [...] (HALL, 2006, p. 89)

Após compreender a cultura híbrida e os movimentos em busca do nacionalismo ou fundamentalismo, é compreensível certas manifestações culturais capixabas, e sua busca por uma identidade homogênea ao mesmo tempo em que comporta sincretismos. Explicando, talvez, o fato do anunciado no artigo, do longo caminho a percorrer para que a população identifique a sua cultura e sua importância, reconhecer-se, visto a diversidade de povos, conforme mostra o levantamento realizado no APEES, em símbolos que são comuns a todos capixabas.

Considerações

Ao observar a *Entrada de imigrantes de 1812-1938 no Espírito Santo* (Gráficos já descritos), detêm-se que o processo de imigração para o estado foi freqüente e formado de grupos distintos, seja de países a regiões diversas de um mesmo país, como foi o caso da cultura italiana, cultura do norte ao sul da península Itálica. Observa-se também que certas culturas como a polonesa estavam sob o domínio da Alemanha e Rússia, talvez, já culturas híbridas

como descreve Hall (2006), no sentido como o indivíduo traduzido, possuindo duas identidades, também problemático é sua manifestação de nacionalidade, o que pode ser previsto para estudos futuros. Alguns povos que poderiam ser considerados exóticos aparecem em grupos relativamente grandes, e geralmente ocorre que no ano anterior a sua chegada, um grupo menor, ou apenas um indivíduo chega ao estado, como é o caso dos chineses, norte-americanos, espanhóis, libaneses, holandeses, suíços, austríacos, ucranianos, entre outros. Durante o século XIX, houve a chegada, ainda que em quantidades pequenas, de franceses, ingleses e belgas. Raros, mas existentes, são chegadas de gregos, marroquinos, noruegueses, palestinos, israelitas, argentinos, venezuelanos, indianos, croatas, tchecos, entre outros.

Porém o que predomina são os povos de origem italiana, numa quantidade superior, o que influencia das características físicas aos costumes do capixaba, podendo afirmar que o *Projeto Imigrantes* do APEES veio a responder uma demanda desses descendentes, principalmente os de origem italiana, em conseguir documentos para tirar dupla cidadania. Caracterizando fortemente as 'duas casas' e duas identidades comentadas por Stuart Hall (2006), e respondendo aos anseios de identidade (referências) descritos por Jung (1993), ainda que também se associem a estes, as questões econômicas de mercado e centros de poder no mundo globalizado.

Mas ao mesmo tempo, esta configuração multicultural que o capixaba recebe desses povos migrantes, estabelece certas confusões como proposta pelo artigo do *Caderno D* sobre cultura e sua identidade. E o maior símbolo que comporta, em grande parte, resposta a identificação da coletividade fica restrito ao Convento da Penha, seja por questões religiosas, das quais, mesmo de origens distintas, o contingente maior de imigrantes é o de povos católicos. Seja por sua localização de destaque, fornecendo um ponto de referência na paisagem e coroando um morro, seu complicado acesso e construção, demonstrando um domínio do solo e certa valentia dos construtores.

O símbolo na cultura capixaba ainda poderia ser descrito em três tipos de manifestações folclóricas:

- 'Manifestações de Influência', isto é, de tradição, preservada através do isolamento de determinadas comunidades, danças: Açoriana, Alemã, Holandesa, Italiana, Polonesa, Pomerana, e Portuguesa.

- 'Manifestações de Nacionalidades', manifestações comuns a outros estados, mas tipicamente brasileiras, com pequenas variantes que não alteram sua essência/sentido como as danças: Bate-flechas, Capoeira, Jongo e Caxambu, Mineiro-Pau, e Quadrilha. E folguedos: Alardo de São Sebastião, Boi, Charola de São Sebastião, Folia de Reis (apresenta algumas versões como: Ternos de Reis), Reis de Boi, e Pastorinhas.

- 'Manifestações de Autenticidade', autenticamente capixabas, apesar de terem sofrido influências, elas são apenas encontradas no estado do Espírito Santo, a que mais se destaca⁵, atribuída pelo Atlas do folclore Capixaba, dentro deste caráter é o Congo⁶, o qual possui artesanato, se refere à fabricação do instrumento denominado por Casaca. É uma dança que está vinculada as 'puxadas de mastro'⁷, dividida em três fases distintas: 1. Derrubada ou arrancada do mastro; 2. Puxada, levantamento e fincada do mastro; 3. Retirada e descida do mastro. Todas as fases contam com a participação da banda de Congo e estima-se que 2.135 pessoas são portadoras legítimas dessa tradição⁸. O congo participa ainda:

- Festa das Paneleiras, evento recente com boa aceitação do público capixaba, ocorre nos dias 22 e 23 de agosto, com 2.000 pessoas, se trata de uma feira onde além de shows musicais apresenta um cardápio da culinária tradicional capixaba (como Vitória possuía antigos núcleos de pescadores⁹, são em sua maioria pratos com peixes e mariscos) preparado nas famosas panelas de barro das paneleiras de Goiabeiras, "A confecção das panelas de barro pelas paneleiras de Goiabeiras constitui, no Espírito Santo, o expoente máximo da produção de

cerâmica artesanal de origem indígena e tradição milenar. [...]” (SECULT/SEBRAE, 2009, p. 82)

- Festa de Nossa Senhora da Penha, no município de Vila Velha, reúne aproximadamente 30.000 pessoas, a santa é padroeira oficial do estado, sendo decretado feriado na maioria dos municípios que compõe a região da Grande Vitória. Com romarias que saem da Catedral metropolitana de Vitória em direção ao santuário da Penha com homens, mulheres e crianças, durante dias seguidos antes do dia dedicado a santa (segunda-feira depois da Páscoa).¹⁰
- Festa de São Benedito¹¹ reúne cerca de 20.000 pessoas, se trata da tradicional festa da puxada e fincada do mastro de São Benedito no Espírito Santo, ocorre na Serra-Sede em dezembro, dia próximo ao Natal, a festa para muitos municípios é atribuída ao pagamento de uma promessa, em que os escravos se salvaram do naufrágio agarrando-se a um mastro do navio.¹²
- Festa e Procissão marítima de São Pedro acontecem ao final de junho, reúne 5.000 pessoas. “[...] A estreita ligação que existe entre a festividade e o mar tem antecedentes que remetem diretamente ao Santo Pescador e a sua história pessoal e apostólica como patrono dos pescadores. [...]” (SECULT/SEBRAE, 2009, p.87)

Com relação ao estudo do símbolo nessas manifestações, propõem-se novos trabalhos, mais profundos e focados, para se refletir e debater o símbolo e sua capacidade de identidade cultural no estado.

Portanto não se pode falar de homogeneidade cultural no nosso estado, apesar de uma política de busca de uma identidade única, patrocinada pela mídia, ou financiamentos a manifestações culturais de origem pública. Afinal, frequentemente, uma grande parte da população vê em determinadas manifestações culturais, como exotismos promovidos com fins específicos (às

vezes, econômicos ou eleitorais), longe de representar a verdadeira identidade do povo capixaba.

Notas

¹ Para material de estudo dos símbolos Jung (1993, p. 28) utiliza os sonhos, atribuindo-lhes valores de “livre processo de associação” e “significação própria”, pois, no sonho o livre processo de associação pode levar a “pensamentos secretos mais críticos”, enquanto a significação própria: “[...] Muitas vezes os sonhos têm uma estrutura bem definida, com um sentido evidente indicando alguma idéia ou intenção subjacente – apesar de estas últimas não serem imediatamente inteligíveis. [...]” (JUNG, 1993, p. 28).

² A partir do ano de 1872, nota-se imigrantes vindos de diversas partes do globo: Ásia, Europa e América do Sul, porém em menor quantidade.

³ Folgado descrito no atlas: Grupo folclórico de composição variada e personagens diversificados, com funções singulares dentro do conjunto, geralmente vestidos a caráter ou com insígnias identificadoras, que se exhibe em dramatizações dinâmicas ao som ou não de instrumentos musicais, normalmente com falas e gestual caracterizador do folgado. (Joelma Consuelo Fonseca e Silva apud SECULT; SEBRAE, 2009, p.44)

⁴ Foram registrados 280 grupos folclóricos e as informações reunidas são: saberes, expressões, danças, folguedos, artesanatos, festas populares e tradicionais, encontrados em 56 municípios colonizados por povos de origens bastante distintas. (SECULT; SEBRAE, 2009, p.11)

⁵ Poderia citar a dança Jaraguá, que surge na vila de pescadores do município de Anchieta, mas o número de portadores ainda é reduzido estimando apenas 200 pessoas com legítimas portadoras. (SECULT/SEBRAE, 2009, p. 102) E o folgado Ticumbi, também conhecido por Baile de Congo, do município de Conceição da Barra (norte do estado), em número de 72 pessoas como legítimas portadoras. (SECULT/SEBRAE, 2009, p.184).

⁶ Existe também uma versão do Congo com máscaras, encontrada no município de Cariacica: “[...] Contam os antigos que os negros escravos, querendo participar da festa, ocultavam-se atrás de máscaras para não serem reconhecidos. Com o passar do tempo esse artifício virou brincadeira. As pessoas se mascaram para não serem identificadas pelos moradores da região e só retiram as máscaras no final da festa, mostrando sua verdadeira identidade. As máscaras são confeccionadas pelos próprios brincantes com uma técnica primitiva e rústica de papel.” (SECULT/SEBRAE, 2009, p. 80)

⁷ O mastro tem seu topo decorado com um quadro em forma de tela com a figura do santo de devoção da comunidade. (SECULT/SEBRAE, 2009, p. 70)

⁸ dados extraídos do SECULT/SEBRAE, 2009, p.70

⁹ Não foi estudado o aspecto da formação da população com relação ao mar, sendo um caminho interessante para estudos futuros.

¹⁰ dados extraídos do SECULT/SEBRAE, 2009, p.83

¹¹ Lembrando dos antigos confrontos nas procissões de Caramurus e Peroas no centro de Vitória, onde a cidade era dividida nestes dois grupos de rivalidades ferrenhas que disputavam a procissão de São Benedito, do qual ambos eram devotos. Caramurus e Peroás são peixes, mas denominavam a irmandade franciscana e a irmandade de São Benedito da igreja N. S. do Rosário respectivamente. Consultar: BONICENHA, Wallace. Devoção e caridade: as irmandades religiosas na cidade de Vitória. Vitória: Multiplicidade, 2004, p. 149-150.

¹² dados extraídos do SECULT/SEBRAE, 2009, p.84

Referências Bibliográficas

- HÁBITOS Culturais Capixabas. **Caderno D: Revista de cultura do Diário Oficial do Estado do Espírito Santo**, Vitória, ano 1, n. 3, p. 4-5, abril de 2011.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- JUNG, Carl. **O Homem e seus símbolos**. 12ª Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- PROJETO IMIGRANTES do Arquivo Público do Estado do Espírito Santo – APEES. Acessado na instituição no mês de Julho de 2011. *O Projeto imigrante é um banco de dados, onde estão cadastrados a entrada de estrangeiros no*

Espírito Santo, contando com diversos documentos, os quais, em sua maioria, encontram-se em seu acervo e dispõem para consulta. O APPES encontra-se na Rua Sete de Setembro, 414, Centro, Vitória-ES. Site: www.ape.es.gov.br SECULT; SEBRAE. **Atlas do Folclore Capixaba**. Vitória: Sebrae, 2009.

Currículo Resumido:

Lílian de Oliveira Locatelli é arquiteta e urbanista formada pela Universidade Federal do Espírito Santo- UFES, onde iniciou carreira de pesquisadora científica e ganhou menção honrosa na XIX Jornada de Iniciação Científica da UFES (2009). Atualmente é mestrande do Programa de Pós-Graduação em Artes da UFES dando continuidade a carreira de pesquisadora na linha de Patrimônio e Cultura.